

A EXISTÊNCIA DE UM “CAMPO DE CONCENTRAÇÃO” EM 1964 EM  
ITAQUI NO RIO GRANDE DO SUL  
THE EXISTENCE OF A “CONCENTRATION CAMP” IN 1964, IN ITAQUI -  
RIO GRANDE DO SUL

Graciele Martini de Azevedo\*

Diorge Alceno Konrad

Resumo:

Esta comunicação é parte de um trabalho desenvolvido para o curso de especialização em História do Brasil da Universidade Federal de Santa Maria. Ele versa sobre a Ditadura Civil-Militar que se constituiu em 1964 no Brasil. Analisando as características locais que influenciaram a cidade de Itaqui na constituição de seu sistema de repressão, sejam elas fornecidas pelos vencedores do golpe ou pelos depostos com ele. Utiliza como fontes: Inquérito Policial Militar (IPM), entrevistas orais e jornal do município.

Palavras-chave: Ditadura Civil-Militar de 1964; Itaqui – RS; Repressão política

Abstract:

This communication is part of a work developed for the specialization course in History of Brazil of the Federal University of Santa Maria. It focuses on the Civil-Military Dictatorship, which was established in Brazil in 1964. We analyzed the local characteristics that influenced the city of Itaqui in forming its repression system, whether supplied by the winners of the coup or by the deposed ones by it. Sources: Military Police Inquiry (IPM); oral interviews and city newspaper.

Keywords: Civil-Military Dictatorship of 1964; Itaqui – RS; Political Repression.

---

\* Acadêmica do Curso de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal de Santa Maria.

## INTRODUÇÃO

A possível construção de um “campo de concentração”, para aprisionar os inimigos do novo regime que se instaurava é o elemento norteador e o ponto de análise deste trabalho. Para entender se realmente este campo de concentração existiu, é feito um estudo das pessoas que estiveram presas, que motivos os levaram para esta prisão e qual eram as suas ligações com o governo deposto. Além, do estudo sobre a própria prisão para ver se ele se caracteriza como “campo de concentração”.

Utilizamos como fontes principais, o Inquérito Policial Militar (IPM) que foi instaurado na cidade, entrevistas orais com alguns presos e um ex-funcionário da rádio local, e como fonte auxiliar o jornal do município na época. Como a intenção de estudo é exclusivamente o Golpe de 1964, ele foi cronologicamente definido nos anos de 1963 a 1965.

## DESENVOLVIMENTO

### O CONTEXTO LOCAL

A compreensão do sistema de repressão passa pelas relações políticas e econômicas locais, anteriores ao Golpe. A parcela mais conservadora e abastada pertencia a União Democrática Nacional (UDN). Na cidade, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) era o partido da maioria, mas não era homogêneo. Dentro deste partido se encontravam pequenos e grandes proprietários, tendo interesses distintos em relação às Reformas de Base, tão alardeadas e defendidas pelo seu partido. Parte dos pequenos agricultores era de arrendatários de terras que viam na reforma agrária a chance de possuírem terras.

De toda a conjuntura pré-1964 em Itaquí são apontados dois tipos de elementos importantíssimos. A Patrulha Agrária, pertencente ao Ministério da Agricultura e a Associação dos Agricultores Sem Terra e de Pouca Terra, que era um movimento de pequenos agricultores; e

o Congresso estudantil, realizado pela UFE (União Fronteiriça de Estudantes). Outros elementos também congregam essa conjuntura, mas com menor participação.

A Associação dos Sem Terra, que depois passou a ser Associação dos Agricultores Sem Terra e de Pouca Terra, não possuía vinculação ou semelhanças com o Movimento dos Sem Terras da atualidade. Aquele era um movimento de os pequenos proprietários ou arrendatários. Tinha o intuito de conquistar terras através da Reforma Agrária para os que eram arrendatários, em sua grande maioria, ou os que tinham pouca terra, não sendo suficiente esta para a cultura do arroz, já que esta demanda uma área maior para obtenção de lucros. Alguns deles tinham dificuldade de conseguir terra para arrendar, já que a maior parte dos fazendeiros era da UDN, e não viam com “bons olhos” esse movimento. Muitos integrantes do próprio PTB, não concordavam com o movimento.

Os dois movimentos não eram ligados oficialmente ao PTB, mas tinha pessoas ligadas ao partido, enquanto seus chefes eram políticos eleitos pela sigla. O chefe da Patrulha Agrícola e o presidente da Associação dos Agricultores Sem Terra e de Pouca Terra era Percy Penalvo, vice-presidente do diretório local do PTB e vereador eleito pela mesma legenda.

A Patrulha Agrícola tinha sede no interior do Município. Ela pertencia ao Ministério da Agricultura. Sendo que seu chefe Percy Penalvo, teve sua nomeação no Diário Oficial. Os pequenos agricultores que eram beneficiados pelo projeto federal da Patrulha, não tinham maquinário necessário para plantar, e nem dinheiro para comprá-lo. Então, a Patrulha Agrícola funcionava como fonte de auxílio, onde ela emprestava o maquinário para arar a terra; colher os grãos... Assim estes pequenos ganhavam em produtividade e qualidade com seguindo melhores preços para seus produtos. A Patrulha Agrícola também tinha o apoio da prefeitura local, apesar de ser um órgão ligado somente ao governo federal, trabalhando através de ajuda mútua.

Na época em que Leonel Brizola foi governador do Estado do Rio Grande do Sul, foram desapropriadas terras para a Reforma Agrária. A Fazenda Mata Fome, em Itaquí, foi declarada de utilidade pública, durante o governo de Brizola. Entretanto, com a obtenção de uma liminar

judicial que reintegrava a posse ao antigo proprietário, a fazenda foi imediatamente vendida, acabando com a intenção de um assentamento em Itaqui. Esta liminar foi concedida devido a um erro, uma palavra, no decreto. O dono da fazenda a vendeu com medo de que eles pudessem corrigir o erro e desapropriá-la. Pois ele estava em processo de venda, quando uma liminar do juiz local impediu a venda por um prazo de dois meses para garantir a possibilidade de que ela fosse considerada de utilidade pública. Com o erro no decreto eles trataram de vendê-la imediatamente.

O Movimento dos Agricultores Sem Terra e de Pouca Terra era a mais interessada nessa desapropriação, tanto que pretendia fazer um acampamento junto à fazenda de Cídio Pinto, para pressionar o governo na desapropriação, a fim de que se distribuísse a terra entre os lavoureiros.

O Movimento dos Agricultores Sem Terra e de Pouca Terra tinha uma abordagem diferente do MST atual. Eles não levavam seus familiares juntos as manifestações e tão pouco os familiares eram atuantes na luta, ela era feita somente pelos homens. Talvez essa abordagem seja um reflexo da própria época.

O Congresso de estudantes da União Fronteiriça de Estudantes (UFE), portanto um congresso nacional de estudantes é apontado por vários como principal motivador de toda a repressão que se teve em Itaqui após o Golpe de 1964. O Congresso foi realizado de 26 a 29 de abril, organizado pela União Municipal de Estudantes Secundaristas de Itaqui (UMESI), com o apoio da prefeitura municipal.

O Congresso foi realizado sem a interferência dos militares, mas sob a tensão da ameaça golpista. Tinha como pauta tratar da Reforma de Ensino e também das outras reformas em discussão no País. Teve sessões bastante tumultuadas, chegando a ser solicitada a presença da polícia para acalmar os ânimos.

O ponto mais visado pelo IPM em torno do Congresso foi uma conferência feita por uma liderança comunista de Porto Alegre, Floriano Maia D'ávila, em favor da Reforma Agrária.

Na conjuntura do evento, o delegado local apreendeu material de cunho “subversivo” na estação ferroviária do Município. O qual havia sido enviado para ser distribuído aos congressistas.

Em 1º de maio de 1963, foi realizada na cidade a 1ª Conferência Itaquense de Estudantes, Operários e Camponeses; onde também foram discutidas as Reformas de Base. De certa forma, o evento funcionou como um preparativo para o Congresso da UFE. Nesta conferência foram discutidos vários assuntos em relação aos problemas sociais, brasileiros e do Município ou da região já que a economia e a sociedade da fronteira oeste do Rio Grande do Sul não diferiam muito.

Devido à abrangência da Conferência, foram discutidos direitos trabalhistas que não eram cumpridos, como carga horária e salário mínimo, a luta pela sindicalização e apoio a criação do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). Na oportunidade, foram defendidas as Reformas de Base, principalmente a Reforma Agrária. Também foi debatido o problema do analfabetismo, da luta contra a miséria e a carestia, o barateamento dos remédios e dos livros. Como provas, foram anexados ao IPM, a ata desta conferência e esta ata resumida a qual foi enviada à todas as entidades e sindicatos do município.

No IPM, há vários relatos sobre a suspeita de ter havido um alistamento para a resistência. Não há qualquer indício desse alistamento como prova no IPM, ele conta exclusivamente como suspeita. No arquivo da prefeitura municipal, foi encontrado uma lista com assinaturas. Entretanto, nela não consta o motivo para o qual pessoas estavam escrevendo seus nomes. São cinco páginas com nomes de homens e mulheres que estavam no conjunto de documentos pertencentes a 1964. Pode ser um indício do alistamento para a resistência ao golpe, ou simplesmente uma lista de nomes para receber algum benefício ou requerendo algo? Há única certeza é de este alistamento sem data precisa e sem a finalidade definida, pode estar incompleto ou ter sido retirada a primeira página ou as primeiras páginas. Mas a dúvida da existência desse alistamento permanece, já que inclusive os testemunhos orais se dividem ao falar deste possível alistamento.

Passou a se transmitir pela rádio local um manifesto a população itaquense, o qual foi sendo lido de hora em hora, na tarde de primeiro de abril e na manhã do dia seguinte, até o momento que a emissora sofreu intervenção militar. Este manifesto foi assinado pelo prefeito Gil Marques e pelo presidente da câmara de vereadores Jorge Haroldo Píffero. O mesmo teve grande peso na acusação dos dois envolvidos acima, eles vos consideravam anti-revolucionários, por incitarem a população a resistir à “Revolução”. Também foi enviado um fonograma para o Comitê Pró-Legalidade que se tentava reinstalar em Porto Alegre, dando o apoio e oferecendo ajuda.

A Rádio Itaquí, a única do Município na época, transmitiu em cadeia com a Rádio Farroupilha, de Porto Alegre, contra o Golpe, sem que o nome da rádio fosse divulgado. Nela se fazia campanha contra o movimento dos militares, assim como fora feito em 1961, numa tentativa de reinstaurar a Cadeia da Legalidade, que ajudou na posse de Jango.

Após o Golpe, a Rádio Itaquí desligou esta transmissão e passou a reproduzir uma outra rádio que era a favor dos militares. Mas já era tarde, pois o regimento já estava avisado por vereadores da UDN. O 1º Regimento de Cavalaria (RC) Sá Brito interviu na rádio e prendeu o diretor-presidente da mesma, Darcy Monteiro Moreira, o enviando para o “Campo de Concentração”, na tarde de 2 de abril. A rádio ficou sob intervenção do quartel durante meses, com uma patrulha parada na porta da emissora, sendo que toda a administração passava pelos olhos dos militares, além, é claro, da censura do Serviço Nacional de Informações (SNI) sobre tudo que era divulgado.

Para as pessoas levadas para o “campo de concentração” e outros membros da população, é muito clara a utilização de punições totalmente diferentes aos denominados “subversivos”, no início da Ditadura para o “Campo de Concentração”. E os que foram levados tinham motivos para estarem lá muito variados e em graus de “desrespeito” a nova ordem bem diferente. O Civil-Militar, em Itaquí. Nem todos os acusados de comunistas ou subversivos foram levados tratamento que lhes foi dado após as prisões, durante a Ditadura também variou bastante.

Durante o tempo em que estiveram presos, eles não sofreram qualquer tipo de tortura física. Quanto à tortura psicológica, era comum os guardas espalharem a notícia de que eles seriam transferidos para a Ilha de Fernando de Noronha. Era uma espécie de guerra de nervos que era feita com os presos.

É ressaltado como as pessoas mudaram com o Golpe, e sobre a traição que sofreram por parte de pessoas com quem mantinham relações. É bastante visível, no IPM, à vontade dos novos vereadores e do novo presidente de Câmara em reunir provas contra os edis que estavam presos. Também foi comum a população ir ao quartel e se pôr à disposição do Exército.

Como a cidade de Itaquí era área de segurança nacional, a cidade tinha toque de recolher das 22 horas até as 6 horas da manhã. Nesse horário ninguém podia andar na rua, pois seria preso pelo Exército. Havia muitas patrulhas do quartel andando constantemente pela cidade. Não se sabe ao certo, mas eram aproximadamente de oito a dez, em proporção à população eram muitas patrulhas.

#### “CAMPO DE CONCENTRAÇÃO”

Os campos de concentração foram originalmente edificados como um sistema penal, agrupar esses indivíduos em uma mesma área facilitava o controle sobre eles, depois esses campos evoluíram para campos de trabalho e posteriormente de extermínio, durante a II Guerra Mundial.

O “campo de concentração” de Itaquí situava-se no hangar do clube de aviação, o qual foi cercado por aproximadamente dezessete fios de arame farpado. Pelo menos nos primeiros dias, os fios foram eletrificados, sendo depois retirados por se achar que não era mais necessário. O hangar se encontrava em ruínas, sendo um grande galpão. De um lado ficavam os soldados, em beliches. Entre eles e os presos havia uma cerca de arame farpado, não eletrificado.

Os presos ficavam em camas comuns, emprestadas pelo comércio da cidade. Cada preso tinha dois cobertores, mas devido ao frio muito intenso não eram suficientes. Então, os presos passaram a colocar jornais, levados pelos soldados, nas frestas do galpão. Estes jornais eram para eles ficarem sabendo dos acontecimentos, e depois eram utilizados para as frestas, afim de que eles não congelarem com o Minuano.<sup>1</sup>

Havia apenas um sanitário para todos os homens, uma pequena “casinhola” aberta, aonde iam acompanhados por um guarda, sempre portando um fuzil. Já a higiene pessoal e o banho eram feitos na mesma “casinhola”, na qual era depositada, pelos soldados, a água de balde, em chuveiros puxados a corda. A água vinha de balde de um poço, ao lado do “Campo de Concentração”, sendo muito racionada, inclusive para beber.

A alimentação era diária, exceto no dia em que a maioria fora presa, quando ficaram num alojamento no quartel dia inteiro sem comida. Esta era feita pelo militares, dentro do “Campo de Concentração”, e fornecida pelo Exército. Essa alimentação era razoável, sendo que os presos possuíam apenas colheres para comer.

Tanto o hangar como a área em volta tinha cem metros quadrados cada. Nessa área, os presos ficavam no sol, e podiam jogar um pouco de vôlei.<sup>2</sup> Também era onde ficava o pequeno abrigo da higiene. Essa prisão ficava atrás do quartel, sendo que ninguém podia se aproximar da área que era toda guarnecida, enquanto os presos não podiam se aproximar das cercas.

Voltando a questão inicial, por que essa prisão onde os presos não sofreram maus tratos e nem eram obrigados a fazer trabalhos forçados era chamada de “Campo de Concentração”. É inegável que esta prisão era uma forma de punição, além do que, o controle sobre eles era muito maior dentro do “campo de concentração” que fora dele. A sua construção também tinha o intuito de afastar esses elementos do convívio com a comunidade itaquense, para que assim não “contaminassem” o restante com as suas idéias.

---

<sup>1</sup> O Minuano e denominação dada ao vento que vem do sul, sendo que ele possuiu uma conotação muito forte na cultura do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Na entrevista com Gil Marques, conheci a bola usada por eles para jogar vôlei. Ela estava toda rasgada pelos arames farpados. E possuía assinatura de todos os que passaram pelo “Campo de Concentração”, algumas já apagadas pelo tempo.



No entanto, não há nada que os caracterize como tal, utilizando como referência os campos de concentração nazistas, exceto os arames farpados ou a imaginação popular. Eles estavam concentrados em uma determinada área, impedidos de se comunicar com o mundo externo. Ele era um local de concentração, entretanto, ele não se assemelha aos campos de concentração da II Guerra Mundial devido aos tratamentos recebidos pelos presos serem completamente diferentes. Os presos do campo de concentração de Itaqui com certeza sofreram, mas não passaram pelos flagelos imputados aos presos dos campos de concentração da II Guerra.

## CONCLUSÃO

A tentativa de conhecer um pouco mais sobre o Golpe de 1964 no Brasil, mais especificamente verificar se houvera mesmo um “campo de concentração” no País em pleno século XX, foram elementos que marcaram este trabalho. Os motivos que nos levaram a escrever sobre a possível existência de um “campo de concentração” na cidade gaúcha de Itaqui, não estão esgotados. Apesar da constatação da inexistência de um “campo de concentração”, não foram analisados os motivos e as formas que o imaginário daquela população utilizou para construir sua opinião.

São inúmeras as especificidades tanto na análise da Ditadura Civil-militar que teve início em 1964, quanto das construções e reconstruções do povo brasileiro sobre um período tão recente da nossa história e que deixou tantas feridas abertas. Vários locais guardam neste país lembranças que ainda não foram trabalhadas, estão no campo da curiosidade ou do desconhecimento, precisando ser interpretado pela história. Precisamos dar ouvidos e vozes a personagens que sofreram com a ditadura, que se sentiram traídos pelo seu governo ou até mesmo pelos seus amigos e o próprio país.

## REFERÊNCIAS

Entrevistas Orais

Arquivo da Prefeitura Municipal de Itaquí

Inquérito Policial-Militar

Jornal *O Município de Itaquí*